

SÉRVIA – UMA TERRA DE MEMÓRIAS

Nicolas Rocca Bragaia*

* Aluno do curso de História na Universidade de Campinas – Unicamp. Piracicaba, SP - Brasil. E-mail: nicolasrb@uol.com.br

Meu nome é Nícolas Rocca Bragaia, sou de Piracicaba, interior do Estado de São Paulo, estudo História na UNICAMP, e esse é meu relato de viajante. No final de 2012 eu entrei em contato com uma organização de intercâmbio, na qual uma pessoa realiza trabalhos voluntários geralmente relacionados à sua área de estudo em outro país, tendo, na maioria das vezes, acomodação providenciada. O nome dessa organização é AIESEC, e encontrá-los me possibilitou ter um dos momentos mais interessantes de minha vida.

Sempre tive muito gosto pela cultura e pela língua de povos da Europa Oriental, sobretudo eslavos, mas depois que entrei na faculdade desenvolvi um interesse especial pela ex-Iugoslávia, sobretudo a Sérvia, que é, inclusive, o meu recorte espacial para estudo e pesquisa. Pelo fato de muitas pessoas que apresentam o interesse em realizar algum intercâmbio para essa região procurarem a AIESEC, eu resolvi fazer o mesmo e, em Janeiro de 2013, viajei para a Sérvia.

Pelos meus estudos anteriores, eu tinha algum conhecimento sobre a história e a língua sérvia, mas eu queria muito ver como é o país, o povo e a cultura. Aterrissei em Belgrado depois de 13 horas de voo e uma conexão em Munique. Assim que eu pisei em solo sérvio, minha primeira preocupação foi descobrir como chegar à cidade onde eu realizaria os trabalhos voluntários, Valjevo. Essa é uma cidade de 100 mil habitantes no Oeste da Sérvia que, apesar de pequena, tinha muitas coisas: um museu, uma Igreja Ortodoxa, o monumento ao herói da Segunda Guerra Stjepan Filipović, o rio Kolubara e o Gradac, um dos rios mais limpos da Europa, com uma paisagem edênica, além das *kafanas*, que são como bares, restaurantes, onde a população local costumava passar a maior parte do tempo, para lazer.

Apesar do comitê da organização de intercâmbio de Valjevo ter me dado instruções precisas de como ir de Belgrado até eles, a jornada não foi nada fácil, afinal estava em um país que eu só conhecia pelos livros e fotos, mas que me impressionou pelo fato de sempre que eu

pedia ajuda a alguém eles me forneciam. De maneira geral, eu ia de Belgrado a Valjevo perguntando. Nesse momento, já comecei a ter uma boa impressão daquele povo.

Cheguei a Valjevo com uma sensação muito estranha. Apesar de ser 16h da tarde, já estava escuro como a noite, e comecei a me questionar quanto tempo eu passara no ônibus, até que me dei conta de que aquele era o inverno europeu.

Fui muito bem recebido naquela cidade. Eu era um dos três estagiários que realizou um trabalho de apresentações em diferentes escolas da cidade sobre HIV e AIDS, aborto, os malefícios do fumo, DSTs, tráfico de pessoas, e também sobre nossos países. As outras intercambistas eram duas garotas, uma de Taiwan (Donna) e outra da Turquia (Isil), que reparou como a cultura turca é muito presente na Sérvia, certamente, por causa dos 500 anos de dominação otomana.

Eu fui o primeiro a chegar, e por quase uma semana apenas eu fiquei por lá. A minha acomodação era a casa de um rapaz chamado Vuk, que, apesar de morar sozinho, tinha a companhia frequente de seus amigos da cidade, que todas a noite estavam lá. Isso foi muito interessante porque esse pessoal, em geral, não tinha muito contato com a AIESEC, possibilitando a mim, conhecer diferentes perfis de pessoas que lá viviam.

Essas pessoas que ficavam o tempo todo na casa do Vuk eram muito boas, adoravam diversão, bebiam sem parar, se reuniam sem nenhum compromisso. A casa do Vuk era um ponto de encontro de todos eles, e, frequentemente, eles iam lá assistir filmes, ou apenas contar as novidades. Desde o primeiro dia me acolheram muito bem, como se eu já fosse um deles. Chamavam-me o tempo todo de *Brazilac*, que significa “Brasileiro” e foram como irmãos para mim. Não eram todos na casa que falavam inglês, portanto, a convivência com eles permitiu que eu aperfeiçoasse meu sérvio, embora, certas vezes era difícil se comunicar, levando a situações cômicas.

Em geral, convivi com pessoas da mesma faixa etária que a minha, apenas duas pessoas mais velhas tiveram um contato maior comigo, o pai do Vuk, que passara uma semana lá para comemorar um feriado chamado *Slava*, quando a família se reúne e come grandes refeições. Ele trabalhava na Alemanha, com um emprego bem básico, a limpeza de vasos sanitários, mas que acarretava um salário que, apesar de mínimo na Alemanha, era muito compensador na Sérvia, possibilitando o sustento do seu filho enquanto ele fazia faculdade.

Além dele, havia também Buba, uma mulher que cuidava da casa do Vuk, uma grande amiga também, e que, frequentemente, conversava com os amigos do Vuk e comigo. Apesar de não falar em inglês, sempre dávamos um jeito para nos comunicarmos (lembrando que, apesar de eu saber algumas palavras em sérvio, eu estava muito longe da fluência).

Eu não vi a menor presença do nacionalismo entre eles. Nenhum deles era defensor dessas ideias, muitos nem ligavam para a Sérvia, queriam ir embora dali assim que possível. Dois grandes amigos, Aleksa e Boki, ainda quando eu estava por lá, tiveram que viajar para a Alemanha para trabalhar com a limpeza de restaurantes ou coisa do tipo. Faziam isso porque não conseguiam emprego em seu país, e passando três ou quatro meses nesse trabalho na Alemanha, eles conseguiam dinheiro suficiente para viver em uma situação razoável pelo resto do ano na Sérvia.

Achei curioso como a moeda local, o Dinar, é desvalorizada. Trocando uma nota de 10 euros em uma daquelas casas de câmbio, que aliás são numerosas por lá, tendo quatro ou cinco na mesma rua em uma cidade de tamanho médio como Valjevo, era devolvido um chumaço de notas de dinares, com valores altos como 500 ou 1000. Vivendo na Sérvia, às vezes eu tinha a impressão de que o dinheiro não acabava mais, o custo de vida lá também era baixo, apesar de passar 50 dias por lá, não gastei muito, por conta dessa situação.

Além desse grupo de pessoas, havia os membros da AIESEC. Esses já eram pessoas que estudavam na faculdade, sabiam inglês e lidavam com todo o tipo de experiência internacional, sendo que alguns deles já tinham conhecido outros países e também pessoas de outros países que lá foram em projetos anteriores. Também não notei a menor presença de um nacionalismo neles, e, mais interessante, eles viviam me dizendo que não costumavam discutir política, pois para eles, bem como para o pessoal da casa do Vuk, política é um negócio sujo, já que apenas pessoas ruins estão no poder. Isso certamente se deve ao fato de que, com o regime de Slobodan Milošević, que além da guerra também foi responsável por uma excessiva corrupção nos anos 1990, foram criados poderes paralelos, vinculados aos paramilitares das guerras na Bósnia, Croácia e Kosovo, associados a organizações criminosas como de narcotráfico, por exemplo. Até hoje, mesmo com a queda do regime Milošević, essas estruturas de poder paralelo ainda existem e permaneceram quase intocadas. O presidente Zoran Đinđić foi um dos políticos que tentou eliminar essa situação em seu governo entre 2001 e 2003, mas, por ameaçar o *status quo* dessas organizações, fora

assassinado por um membro da Unidade de Operações Especiais da Polícia Secreta Iugoslava, vinculado a essas máfias.

Portanto, percebia-se que a maioria dos sérvios não acreditava em política, nem mesmo gostava de discuti-la, pois, para eles, era um assunto irrelevante, talvez por pensarem que nada que possam fazer resolverá a situação de seu país. No entanto, mesmo não o tendo visto entre essas pessoas, o nacionalismo existe, sim, na Sérvia. Em Belgrado eu via com frequência pichações como “Kosovo je Srbija” (Kosovo é Sérvia) ou “1389”, ano da batalha de Kosovo entre sérvios e otomanos, que é um símbolo de muita importância na memória do povo sérvio e frequentemente retomado por nacionalistas. No entanto, eu imaginava que isso era muito maior, honestamente, entre as pessoas que eu convivi, e eu vi muito pouco ou quase nada sobre nacionalismo, mas, é claro, isso não significa que não exista, sendo que até hoje há grupos que exaltam os paramilitares das guerras nos anos 1990 como Karadžić, Šešelj ou Mladić. Um amigo, Nemanja, me mostrou um vídeo na internet sobre tropas especiais na Bósnia-Herzegovina formadas por sérvios, que são ultranacionalistas e xenofóbicas.

Porém, algo que eu percebi bastante foi a ideia de vitimização do povo sérvio, que alguns deles demonstravam com mais clareza. A Sérvia como vítima da OTAN, que atacara, inclusive, alvos civís em 1999, e o fato da imagem do país ficar tão destruída internacionalmente com a guerra, apesar de os croatas, muçulmanos e albaneses também terem cometido suas atrocidades. Ou mesmo, sobre a questão do Kosovo, uma província com maioria albanesa no sul da Sérvia, que declarou sua independência em 2008, assunto que até hoje não ficou resolvido, sendo foco de tensões. Alguns sérvios se consideram vítimas dos albaneses.

A garota da Turquia tinha conhecido a Zagreb, na Croácia, fazendo uma viagem com outros estagiários que conhecemos em Belgrado que também eram da Turquia, em um seminário que reunia estagiários de diferentes países que trabalhavam em diferentes cidades na Sérvia, e eu e minha amiga de Taiwan fomos a Dubrovnik, na Croácia, depois de passar por Montenegro. Curiosamente, conversando com membros da AIESEC, alguns falaram que tinham medo de ir à Croácia sozinhos. Isso me surpreendeu, pois, como eu disse, essas pessoas estão acostumadas com experiências internacionais. Um dos membros da AIESEC Valjevo era de Montenegro, eu e a garota de Taiwan fomos ao país dele e ficamos em sua casa, em Herceg-Noví, aproveitamos a oportunidade para conhecermos Dubrovnik, que ficava bem perto.

Meu amigo montenegrino, Veljko, sentiu muito desconforto quando passamos a fronteira entre Montenegro e Croácia, mas o ponto máximo de sua tensão foi quando, na fronteira mesmo, vimos um outdoor gigante exaltando Ante Gotovina, o general croata da “Operação Tempestade”, que eliminou a autoproclamada República Sérvia de Krajina, que era uma República formada por sérvios que viviam na Croácia (O principal marcador que diferencia os sérvios dos croatas é a religião, os primeiros são ortodoxos e os segundos católico romanos). Quando Veljko viu aquilo, ele sentiu como se fosse uma mensagem de “vá embora”.

Naturalmente, passamos uma tarde em Dubrovnik, conhecemos a famosa parte histórica da cidade, a fortaleza marítima, e, como era de se esperar, nada de errado aconteceu. Mas foi muito curioso notar que, mesmo na geração que nasceu durante a guerra, e que era jovem demais para se recordar bem daquela situação conflituosa, mesmo entre aqueles que não são nacionalistas e até mesmo atuam em uma organização onde o nacionalismo não faz parte do vocabulário, ainda há um ressentimento velado com relação aos croatas. Da mesma forma, entre os croatas também há ressentimento com relação aos sérvios, dado a posição estratégica daquele outdoor, bem na fronteira com o Montenegro.

Isso nos leva a outro ponto: se Veljko é montenegrino, por que aquele outdoor o afetou tanto? Por razões culturais, muitos montenegrinos se consideram sérvios, falam a mesma língua, seguem a mesma religião e, como se sabe, Montenegro não se separou da Iugoslávia no momento em que o país estava se fragmentando, apenas em 2006 declarou sua independência por um plebiscito, precisando de 55% de votos a favor da separação da Sérvia para efetivá-la, obtendo 55,5%, ou seja, foi uma diferença muito pequena. Metade da população montenegrina torce para a seleção sérvia de futebol, bem como na Bósnia-Herzegovina, na RepublikaSrpska, o “lado sérvio da Bósnia”, os habitantes também torcem para a Sérvia e não para a Bósnia. Na verdade, alguns montenegrinos consideram que eles são os “verdadeiros sérvios”, ou seja, os sérvios que não foram dominados pelos turcos, mantendo-se independentes até a criação da Iugoslávia.

Montenegro também é o lar de antigas cidades comerciais marítimas como Kotor, que possui uma beleza natural e arquitetônica, se assemelhando com as antigas cidades-estados italianas onde se têm a impressão de voltar no tempo quando se vai para lá, dado o estado de preservação da cidade que é magnífico. Também há lá uma campanha muito forte para que o país pertença à União Europeia.

Voltando à Sérvia, conheci, além de Valjevo, Belgrado e Novi Sad. A parte histórica de Belgrado é muito bonita, com o Kalemegdan, uma fortaleza também muito bem preservada e bem grande. Nos andares mais superiores, pode-se ver o encontro dos rios Danúbio e Sava, enquanto Novi Sad tem uma arquitetura que lembra muito aquela de Viena ou Budapeste, com Igrejas Católicas, Catedrais, prédios antigos muito similares aos da Europa Central, certamente por sua história, já que a região pertenceu ao Império Austro-Húngaro.

Em Valjevo, tive dois amigos que eram muçulmanos, sérvios muçulmanos, que são uma minoria no país, Kenan e Samir, mas eu só descobri que eles eram muçulmanos porque eles me falaram que o eram. Possuíam um estilo bem laico, comemoravam os feriados muçulmanos, mas, visualmente falando, não se diferenciavam em nada dos outros, e não eram tratados de maneira diferente por conta disso. Não notei preconceito com relação aos muçulmanos, mas algo que foi evidente foi preconceito com os *roma*, popularmente conhecidos como ciganos. Um amigo da casa do Vuk me disse que não gostava de ciganos, pois eles roubavam, mentiam e sequestravam crianças, mas essa visão, certamente, não é só dos sérvios, como também de toda a Europa, mas essa foi a única forma de preconceito que testemunhei.

Nosso trabalho nas escolas nos permitiu ver como elas funcionam. As escolas, em geral, são profissionalizantes, ou seja, os alunos se formam já com diploma de profissional. Há escolas de agricultura, economia, medicina e técnicas, onde os conteúdos são ensinados com ênfase nas áreas de cada escola, e há também um ginásio, onde se aprende todos os conteúdos sem ênfase. Assim, os alunos que se formam no ginásio não têm diploma de profissional, e necessitam fazer as faculdades, que, em geral, os sérvios começam com 20 anos, e não com 18 ou 19.

Há também a possibilidade de se fazer um “quarto colegial”, que alguns alunos fazem para se preparar melhor, seja para o trabalho, para a faculdade. O ensino de língua estrangeira é muito bom, pois a maioria dos alunos dessas escolas, que são públicas, tinha fluência em inglês e aprendiam uma segunda língua. A infraestrutura também era excelente, com computadores em todas as salas, datashow, além de todo o material necessário vinculado ao estilo da escola, como a presença de uma horta na escola de agricultura e laboratórios na escola de medicina e na técnica. A segurança é muito grande por lá. Eu podia andar de madrugada na rua sem ser assaltado, e havia lojas de conveniência que deixavam parte de seus produtos do lado de fora, sem ninguém

olhando, e a população nem pensava em roubá-los; pegavam os produtos e os levavam para dentro da loja para pagar.

As *kafanas* eram o principal local para o lazer. Lá, com amigos tanto da AIESEC quanto aqueles que não eram da organização, bebíamos, cantávamos e nos divertíamos. Eu percebia nesses momentos que, apesar dos problemas que afligem o Kosovo ainda hoje, apesar das altas taxas de desemprego e a desvalorização da moeda, e de ainda terem políticos corruptos e criminosos no poder, nada disso importava quando eles estavam entre amigos nesses momentos de descontração.

No entanto, mesmo que timidamente, pelos exemplos dados, pude perceber que a guerra, mesmo depois de 20 anos, deixou suas marcas. Eles ainda condenam os albaneses por tentarem tirar o Kosovo, o coração histórico da Sérvia, de seu controle, e ainda há ressentimentos, mesmo que não tão fortes, como eu pensava, com relação aos croatas e bósnio-muçulmanos.

A reconciliação com esse passado recente ainda é um caminho que tem muito a ser percorrido, mas, por tudo o que vi nesse momento, acredito que, em algum momento, isso ocorrerá, apenas aguardamos para saber quando. Independentemente disso, meus amigos na Sérvia se diferenciam mais de meus amigos no Brasil pela língua e pelo passaporte do que por qualquer outra coisa, e a recepção deles me mostrou que a Sérvia é um país onde há uma hospitalidade muito grande.